

— Ou num Rolls-Royce: Platão era aristocrático.
— Verdade. Não mais cavalos negros e chicotear e maltratar. Platão jamais teria suposto que iríamos mais longe que os seus corcéis negros e brancos — e que não teríamos corcel nenhum, só motores.

— Só motores e gasolina — completou Clifford. E mudou de assunto. Espero fazer alguns reparos no castelo, o ano que vem. Devo ter de reserva cerca de mil libras para isso. O trabalho é caro hoje.

— Ótimo, exclamou Constance, mas se não houver mais greve?

— Que interesse teriam em mais greves? Arruinariam a indústria, ou o que dela resta, só isso. Eles devem começar a convencer-se de que é assim.

— Talvez lhes seja indiferente a ruína da indústria, sugeriu Constance.

— Ah! Não fale como mulher! A indústria é quem lhes enche a barriga, mesmo que não lhes encha o bolso, disse ele no estilo de Mrs. Bolton.

— Onde está quem se classificou, outro dia, de anarquista-conservador?

— Você não compreendeu minha idéia. Queria dizer que na vida particular, podemos agir e sentir como quisermos, contanto que fiquemos intactos à forma e ao mecanismo da vida.

Constance deu alguns passos em silêncio. Depois falou, com obstinação:

— É como se dissesse que um ovo pode apodrecer quando quiser por dentro, contanto que a casca fique a mesma. Mas os ovos podres rebentam por si mesmos.

— Não creio que as criaturas sejam ovos — nem mesmo de anjos, minha evangelizadorinha.

Estavam de muito bom humor naquela manhã tão linda. Passarinhos chilreavam no parque e um vapor silencioso subia lá da mina distante. Sensação dos dias antigos, anteriores à guerra. Constance não estava com vontade de discutir — nem de ir à floresta com Clifford. Caminhava ao lado do carro, com o espírito em vaga resistência.

— Não, não haverá mais greves, se as coisas forem bem conduzidas, disse ele.

— E por que não haverá mais greves?
— Porque as greves se tornarão impossíveis.
— Os operários prometeram isso? objetou ela.
— Não lhes pedimos opinião. Agiremos enquanto estiverem de costas voltadas — em seu próprio bem, para salvar a indústria.

— E em nosso próprio bem, também, disse ela.

— Claro! Para o bem de todos — mas ainda mais para o deles. Eu posso viver sem o carvão, tenho outros recursos.

Os olhos de ambos pousaram nas minas lá no fundo do vale e nos tetos negros de Tavershall, que trepavam pela colina como serpentes. Da velha igreja vinha a voz dos sinos: Domingo, domingo, domingo!

— Acha que os mineiros deixarão que se lhes ditem condições?

— Minha cara, serão forçados a isso — se nos soubermos conduzir.

— Por que não chegar a um acordo?

— Certamente — quando compreenderem que a indústria tem mais importância que os indivíduos.

— Mas será de necessidade que você possua a indústria?

— Não a possuo; mas na medida que possa, é preciso que a possua. O problema da propriedade tornou-se agora um problema religioso — como aliás sempre foi desde o tempo de Jesus e de S. Francisco. A questão não é mais: Toma o que tens e dá-lo aos pobres; e sim: Serve-te de tudo quanto possuis para animar a indústria e dar trabalho aos pobres. Eis o único meio de alimentar tantas bocas e vestir tantos corpos. Dar o que temos significa conservar a pobreza do pobre e empobrecer-nos a nós também. E a pobreza universal não é o desejável — nada tem de interessante. A pobreza é feita.

— Mas a desigualdade?

— Destino. Por que Júpiter é maior que Netuno? Impossível mudar a estrutura das coisas.

— Mas quando essa inveja, esse ciúme, esse descontentamento é excitado... começou Constance.

— Fazer o possível por acalmar. Sempre haverá necessidade de alguém em cima, no comando.

— Mas quais os comandantes?